



## **PATRIMÔNIO IMATERIAL DA FESTA DA CAVALHADA DE POCONÉ-MT UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Denize Gonçalina Valéria Vicente<sup>1</sup>  
Sônia Regina Romancini<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objeto central evidenciar a importância do patrimônio imaterial da festa da Cavalhada de Poconé, município localizado no Pantanal mato-grossense, assim como demonstrar sua contribuição ao ensino de Geografia no processo ensino/aprendizagem. A Cavalhada, que representa a luta entre mouros e cristãos, foi incorporada às manifestações culturais do município, há mais de 200 anos. Ela compõe a programação oficial da festa de São Benedito, que ocorre no mês de junho, sendo considerada, pelos moradores, como uma das mais importantes manifestações culturais do município. Mostra-se evidente nessa festividade o lúdico e o profano em que ocorre o encontro das diferentes camadas sociais em um mesmo espaço físico, tornando-se, a cada ano, um espetáculo mais atrativo tanto para a população local quanto para turistas das outras regiões do estado e do Brasil. Esse evento cultural é de grande relevância para o ensino de Geografia, pois é notório que ao abordar a cultura, principalmente a local, no ambiente escolar instiga-se o interesse dos educandos quanto à diversidade contida na cultura, levando-os a respeitar “os outros” “os diferentes”. Neste sentido, os estudantes passam a reconhecer a multiculturalidade existente na paisagem cultural. O estudo da Geografia pautado nas manifestações culturais aponta diversas temáticas e metodologias de ensino dessa disciplina no contexto escolar, pois permite que os alunos pensem possíveis soluções para os problemas vivenciados no seu cotidiano, em vista disso, possibilitando a construção de um cidadão atuante e transformador. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, pesquisa de campo e técnica de entrevista semiestruturada.

Palavras-chaves: Poconé-MT, Cavalhada, Ensino de geografia

### **Abstract**

This article aims to highlight the importance of the immaterial heritage of the Cavalhada de Poconé Festival, a small town located in the Pantanal of MatoGrosso, as well as to demonstrate its contribution to the teaching of Geography in the teaching/learning process. Cavalhada, which represents the struggle between Moors and Christians, was incorporated into the town cultural events for over 200 years. It is part of the official schedule of the São Benedito Party, which takes place in June, and is considered by the residents as one of the most important cultural events in the city. It is

---

<sup>1</sup>Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, [denize.valeria@hotmail.com](mailto:denize.valeria@hotmail.com)

<sup>2</sup>Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso, [romancini.ufmt@gmail.com](mailto:romancini.ufmt@gmail.com)



evident in this festivity the playful and profane in which the different social layers meet in the same physical space, becoming each year a more attractive spectacle for both a local population and tourists from other regions of the state and from Brazil. This cultural event is a great company for the teaching of Geography, as it is notorious that, by addressing culture, mainly at the local level in the school environment, it instigates the interest of students in the diversity contained in the culture, leading them to respect “the others” “the different ones” . In this sense, they begin to recognize an existing multiculturalism in the cultural landscape. The study of geography based on cultural manifestations points to several themes and teaching methodologies of this discipline in the school context, as it allows students to think of solutions to the problems experienced in their daily lives, in view of this, it enables the construction of an active and transforming citizen. The methodological procedures used were: bibliographic research, qualitative, field research and semi-structured interview technique.

Keywords: Poconé-MT, Cavahada, Teaching geography

## **1-Introdução**

O município de Poconé, localizado na microrregião denominada Alto Pantanal, possui uma população estimada em 33.315 pessoas (IBGE, 2020). Ele está distante cerca de 100 km da capital mato-grossense, Cuiabá, a uma latitude de 16°15'84" sul e longitude de 56°37'22" oeste, estando a uma altitude de 142 metros. Sua extensão territorial é de 17.025,406 km<sup>2</sup>. Possui os biomas Cerrado e Pantanal, com uma área alagável localizada entre os rios Cuiabá e Paraguai e se estende até o Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense. O Pantanal é uma das maiores áreas alagadas contínuas, com 151.487 km<sup>2</sup>, sendo reconhecido como Patrimônio Nacional pela Constituição Federal e considerado Reserva da Biosfera e Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no ano de 2000. O Pantanal contém três Sítios Ramsar: Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense, Reserva Particular do Patrimônio Natural Sesc Pantanal e Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Rio Negro. Quanto a sua biodiversidade, a fauna é rica, muito diversificada, com 463 de aves, 124 de mamíferos, 177 de répteis, 41 de anfíbios e 325 espécies de peixes de água doce (CAMINHA, 2010).

Poconé foi criada pelo Decreto-Lei Provincial, de 25 de outubro de 1831(FERREIRA; SILVA, 2008). Por sua importância histórica, o centro antigo foi tombado como patrimônio material do estado de Mato Grosso. A cultura popular do município se destaca principalmente pela fé do seu povo e pela devoção aos santos católicos. O município é representado culturalmente pela manifestação de diversos grupos sociais. Dentre as manifestações culturais significativas de Poconé, destacam-se



a dança dos Mascarados, as festas do Divino Espírito Santo e São Benedito, essas festas populares são pertinentes para a análise espaço-cultural de Poconé, possuem cunho religioso e apresentam distintas marcas da sacralidade, assim como momentos profanos.

Nossa investigação tem em vista a compreensão de uma das relevantes manifestações culturais de Poconé, que se afigura como essencial na compreensão do mosaico cultural mato-grossense, a análise, desse modo, pauta-se na tradicional Festa da Cavallhada, considerada patrimônio imaterial da cultura pantaneira. Destacamos que essa manifestação cultural foi trazida ao Brasil pelos padres jesuítas em 1826, para ser integrada à Festa do Divino Espírito Santo.

A Cavallhada é uma representação da histórica batalha de Carlos Magno e os 12 (doze) pares da França, luta travada entre Cristãos e Mouros, quando o exército muçulmano, depois de conquistar Portugal e Espanha, decidiu invadir a França (CASCUDO, 1988). Essa batalha medieval tem sido retratada em diversas cidades do Brasil até os tempos atuais, havendo várias versões para o surgimento da história das Cavallhadas. Cavallhada de Poconé mantém a versão de que a batalha teve início após o sequestro da rainha Moura pelos cristãos, em troca da conversão dos mouros ao cristianismo.

Esta pesquisa pode ampliar os conhecimentos sobre a relação que as pessoas, em especial, o povo poconeano, desenvolvem com esse evento cultural, o que abrange a compreensão do passado, presente e futuro, de modo que a memória coletiva e individual é revivida e respeitada, assumindo a relação que estabelece entre as pessoas, a sociedade e a herança cultural que recebem e que projetam no futuro. Além disso proporciona o reconhecimento da cultura local, reforça a valorização do seu patrimônio imaterial, isto é, procura refletir sobre as diferentes nuances do modo de fazer a Cavallhada em diferentes temporalidades histórico-espaciais, ademais pode contribuir para o ensino de Geografia. Diante do exposto, o intuito da pesquisa é analisar o patrimônio imaterial da festa da Cavallhada em Poconé e investigar a sua contribuição para o estudo de Geografia.

## **2 - Patrimônio cultural e festa popular**

A Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988), em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais



de natureza material e também imaterial. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2012), os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Desta forma, relacionamos esse pensamento institucional do patrimônio imaterial com as ideias de Maia (1999), ao refletir que a temporalidade das festas populares é marcada pela compreensão do movimento historial, em que se releva o caráter da tradição, pois há uma preocupação por parte dos participantes em preservar um legado de crenças, hábitos, dentre outros, considerados fundamentais na significação, caracterização e composição da festa enquanto acontecimento. Essa tradição apresenta-se como uma possibilidade de realização de uma herança no porvir.

As festas populares são manifestações culturais que se caracterizam por serem eventos efêmeros, perdurando por algumas horas, dias ou semanas, fornecendo nova função às formas espaciais prévias de que dispõem para a sua realização: ruas, praças, terrenos baldios, estádios, entre outros, que se transformam em palco para o evento. As festas religiosas, por sua vez, estão centralizadas em igrejas, templos e terreiros (MAIA, 1999). Amaral (1998) ressalta que as festas ocupam um espaço importante na cultura brasileira, presentes em todas as regiões do país, porém com características particulares, constituindo-se em um fator de relações, modos de ação e comportamento, sendo as manifestações culturais preferidas pelo povo brasileiro. Segundo a teórica, nas festas, a população externa suas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais.

As festas fazem parte do patrimônio cultural de um povo, neste aspecto, relacionando-as com o universo cultural, concordamos com Claval sobre o sentido e significado de cultura, visto que, para o referido autor, “a cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra”. Assim, ela é importante por constituir um processo social e por estar plena das práticas simbólicas que caracterizam um povo.

A abordagem cultural que pautamos no nosso estudo, é uma abordagem de cultura que valoriza a perspectiva espacial, apresentada por Claval (1999, p. 63): “A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e



dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Sob esse prisma, considerando que a cultura e os distintos modos de vida combinam heranças do passado e lições do presente, é importante investigar em que medida o espaço em que elas inscrevem-se contribui para a transmissão de valores e para a construção de identidades.

### **3 - Cavalhada em Poconé-MT**

A Cavalhada é de origem portuguesa e foi trazida para o Brasil no século XVII (CASCUDO, 1988). Trata-se da representação da luta entre mouros e cristãos, que relembra as conquistas realizadas por Carlos Magno, um guerreiro cristão, e os 12 pares da França, que batalharam contra os sarracenos de religião islâmica.

Essa representação pode ser encontrada em várias regiões do Brasil, como: Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país, sendo preservada principalmente nas cidades do interior, Pirenópolis - GO, São Luis de Paraitinga - SP, Poconé – MT, Guarapuava – PR, entre outros (SCHIPANSKI, 2009).

A encenação da luta entre mouros e cristãos em Mato Grosso está presente desde o ano de 1769, ocasião da chegada de Luiz Pinto de Souza Coutinho – Capitão general e governador da capitania de Mato Grosso (MENDONÇA, 1975 apud ABDALLA, 2006). De acordo com Silva (2011, p.01), a manifestação ausentou-se do cenário cultural mato-grossense por 35 anos (de 1956 a 1990) retornando em 1991. A festividade tem relação com as narrativas da literatura e dos fatos históricos: a Guerra de Troia e As Cruzadas.

Em Poconé, a Cavalhada, palco de torneios medievais realizados em arenas europeias, está presente na cultura local há mais de 200 anos. Ela compõe a programação oficial da festa de São Benedito, sendo considerada uma das mais importantes manifestações culturais do município. Conforme Brandão (1974, p.65), as festas de santo são caracterizadas como uma reunião coletiva que procura reconhecer o universo simbólico e a ideologia da sociedade, em que alguns de seus grupos, produzem, controlam e mantêm-nas em vigência.

O evento religioso acontece sempre no mês de junho, consiste em seis dias de festa e a apresentação da Cavalhada ocorre, geralmente, no primeiro domingo das festividades, nos períodos matutino e vespertino, com intervalo para o almoço.





A Casa das Festas, a Igreja de São Bendito, o Clube Cidade Rosa (CCR), a Igreja Nossa Senhora do Rosário (Matriz) e a Praça Joaquim Tebar, conhecida como Praça da Matriz, transformam-se em palcos de diferentes etapas dessa festança. Os preparativos ocorrem durante o ano todo, contando com o apoio de diferentes pessoas.

Para que os homens brilhem na festa da Cavallhada requer-se muito trabalho feminino. Mulheres como as costureiras e bordadeiras desempenham atividades importantíssimas, são elas que confeccionam as vestimentas e chapéus dos cavaleiros e pajens, bem como os ornamentos para os cavalos.

Algumas mulheres, artesanalmente, fazem os bonecos de pano que enfeitam a arena, produzem os objetos que são usados no torneio, como as cabeças de Judas, encapam as argolinhas com fitas de cetim, decoram os camarotes, assim como os alimentos que são servidos aos cavaleiros, aos pajens, aos convidados e à população. Fica evidente a relevância da participação da mulher na realização dessa manifestação, apesar de os homens ficarem com o papel dos protagonistas na Cavallhada.

Constatamos que a presença e o apoio feminino e familiar são de suma importância, principalmente nas seis horas de evento dentro e fora da arena. No dia da encenação, os cavaleiros são, pela manhã, ajudados na preparação dos cavalos, que precisam ser vestidos e enfeitados. Também é necessário o auxílio feminino na hora de vestir os próprios cavaleiros e pajens. A presença de amigos e de parentes no momento de preparar a entrada no campo de batalha é tão significativa que estimula e eleva a autoestima dos cavaleiros e evidencia que a Cavallhada é compartilhada e tem cunho familiar.

#### **4 - Os atores da Cavallhada**

Os festeiros e festeiras, rainha da festa e Capitão do mastro pertencem à Irmandade de São Benedito, os candidatos a essas funções apresentam o desejo de participar, caso haja a intenção de mais de um grupo de festeiros, é realizado um sorteio. A regra da Irmandade estabelece que, uma vez festeiro, só pode voltar à função após cinco anos consecutivos. A rainha moura é escolhida pelo Capitão do mastro e deve estar na faixa etária entre 15 e 21 anos, um aspecto comum entre elas é o fato de que todas as escolhidas têm parentes participantes dessa tradição.



Os cavaleiros pertencem às famílias tradicionais da região, que fazem parte da Irmandade de São Benedito ou que tenham ocupado funções na Cavallhada, com condição financeira apta a custearem as despesas de suas vestimentas e as dos cavalos. As crianças tornam-se atores desse evento na figura dos pajens, são meninos entre cinco e dez anos de idade, são parentes dos cavaleiros ou filhos dos seus amigos.

A teatralização ao ar livre conta também com a participação de outros atores, sendo: guardas do castelo, encapuzados, auxiliares de pista e caixeiros, assim como os locutores que narram a evolução da batalha.

A encenação da Cavallhada acontecia na Praça Matriz de Poconé, sendo importante destacar que, ao ser implementada essa prática no Brasil, acontecia, geralmente, próxima das Igrejas Católicas ou Edifícios Públicos. A arena, atualmente, é montada no Clube Cidade Rosa, que possui amplo espaço aberto, com área equivalente a um campo de futebol, onde é demarcado o campo de batalha. O cenário ainda é composto por camarotes do lado direito do castelo, uma base em alvenaria, onde os familiares dos cavaleiros instalam tendas e decoram-nas para acomodar parentes, amigos e a própria família. A arquibancada para o público em geral é de ferro, fica do lado esquerdo do castelo, durante a evolução das provas, ela permanece lotada. O palanque é de exclusividade das autoridades políticas, civis, religiosas e festeiros.

Os cavaleiros ostentam trajes em cetim, bem como os cavalos são enfeitados com as cores do respectivo exército, sendo os mouros em vermelho e os cristãos em azul. Cada exército possui hino próprio para a Cavallhada.

No decorrer do dia, há intensa movimentação entre os camarotes. A festividade oportuniza as pessoas realizarem visitas a amigos e parentes, especialmente, aquelas que saem da Capital e da área rural. Já os espectadores que se encontram nas arquibancadas deslocam-se com outro propósito. Isso mostra marcas distintas na apropriação social do espaço, no dia de Cavallhada.

A maior parte do público da arquibancada desloca-se com o objetivo de se dirigir à área de consumo e comprar algo para comer, beber e algumas peças de artesanato. Já nos camarotes, território dos cavaleiros, ao contrário, os alimentos são trazidos de casa ou preparados ali mesmo, como o churrasco, da tradição gaúcha, que é bastante apreciado no estado de Mato Grosso.

O fato de ter um espaço privado para assistir ao evento e acondicionar o que é levado à arena, certamente, é um dos motivos da comodidade para os que podem



usufruir os camarotes. No entanto, as pessoas que ficam nas arquibancadas não contam com tais privilégios.

Ressaltamos que, nos camarotes, o alimento é um bem importante, sendo próprio do costume local servir ao visitante algo para beber ou comer. Essa ação de receber todo visitante com cortesia, com um tipo de *serventia*, é um dentre os vários indícios da transposição das noções e das práticas do espaço privado da casa para o espaço público da arena.

Além dos alimentos, constam, nos camarotes, pertences cotidianos: mesas, cadeiras, água mineral, copos, caixas de isopor, guardanapos de papel, levados para a arena, dentre outros objetos domiciliares. A presença de crianças, jovens e adultos de diferentes faixas etárias é outro indicativo do ambiente familiar desses espaços, que delimita seu caráter particular.

Enquanto os camarotes são espaços que evidenciam características privadas e exclusivas, a arquibancada é pública. Fica evidente que, dependendo do local em que o espectador vivencia a festa, torna-se muito diferenciada a sua experiência. Neste sentido, a interação com os cavaleiros acontece com mais proximidade aos espectadores que estão nos camarotes.

Os festejos de São Benedito começam com nove dias consecutivos de reza (novena) na igreja denominada Luz do Mundo. Ao final da novena, há o levantamento do mastro de São Benedito em frente à igreja, em seguida, é oferecido pelos festeiros um jantar na Casa das Festas, denominado de “Retreta”, evento que é animado por uma banda de música, sendo que toda população é convidada a participar.

## **5 - A encenação da batalha entre mouros e cristãos**

A performance da batalha é realizada por 24 cavaleiros (12 cristãos e 12 mouros) ,sendo um mantenedor, um embaixador e 10 soldados, que formam um grupo de destaque na cidade, eles representam as famílias mais tradicionais, a maioria de fazendeiros que denota a destreza das artes equestres de seus antepassados.

Os cavaleiros mouros e cristãos, respectivamente, ostentam trajes em cetim vermelho e azul, bordados com lantejoulas e outras pedrarias, fitas, chapéu preto enfeitado de plumas da mesma cor das roupas, as espadas na cintura e nos coldres, as pistolas. Os pajens são auxiliares dos cavaleiros, eles são responsáveis pelas lanças. Há





também a participação dos cavaleiros mascarados, que ficam dentro do campo de batalha com a função de proteger os pajens, os cavaleiros e o público em geral.

Além da dramatização entre mouros e cristãos (figura 1), a Cavalhada inclui embaixadas, carreiras, duelos de espadas, lanças e pistolas, jogos equestres como o das argolinhas, carreira do limão e a do Judas (em que o cavaleiro acerta com a espada um boneco que representa o apóstolo Judas Iscariotes).

Figura 1: Cavaleiros mouros e cristãos



Fonte: rafaelfabricio.blogspot.com

O combate realizado pelos dois grupos fantasiados de mouros e cristãos começa com o rapto da rainha moura pelos cristãos (figura 2), em troca da conversão dos mouros ao cristianismo, em seguida, há o início das competições compostas por diversas atividades lúdicas.

Figura 2: Roubo da rainha Moura



Fonte: Costa, 2019

No ano de 2019, a Cavalhada aconteceu no dia 23 de junho, um domingo, a partir das 8 (oito) horas da manhã, com a entrada na arena das comitivas do glorioso São Benedito e Divino Espírito Santo, apresentando as respectivas bandeiras ao público



em geral. Em continuidade, os encapuzados entram fazendo evoluções e provocando a guerra. Os doze cavaleiros do exército mouro, juntamente com seus pajens, fazem o reconhecimento da área.

Após o reconhecimento da arena, a rainha é escoltada pelo mantenedor mouro e dois dos seus soldados/guardas até o castelo. O mantenedor cristão e seus soldados deslocam-se até o castelo, travam uma luta com os guardas mouros e roubam a rainha. Na sequência, incendeiam o castelo e deixam a rainha aos cuidados dos festeiros de São Benedito, no palanque oficial.

Inconformado com o roubo da rainha, o embaixador mouro, ladeado de dois soldados, dirige-se ao campo cristão até o seu mantenedor para apresentar a mensagem de guerra. O embaixador cristão, juntamente com dois soldados, vai até o mantenedor mouro responder à mensagem recebida.

Os mantenedores dos dois exércitos, acompanhados dos seus cavaleiros, seguem até o palanque, ficando perfilados cada qual em seu campo de batalha, para o tratado de guerra. Somente os mantenedores dirigem-se até a frente do palanque para ouvirem o mediador do combate. Nesse momento, o festeiro de São Benedito faz uso da palavra. Consolidado o tratado, cada exército segue para seu campo de batalha, onde ficam perfilados com suas lanças, prontos para o início das provas equestres.

Começa a batalha, com muito fervor, os hábeis cavaleiros de ambos os exércitos realizam, com destreza, as provas, conquistando aplausos dos familiares, amigos e do público em geral, a vibração das pessoas é muito grande. Várias provas são executadas durante o dia, no período da manhã, são as seguintes: corrida do encontro, corrida da cabeça de Judas (figura 3), corrida do bastão, corrida da flor cruzada, corrida da aliança, corrida seis mantenedores, corrida das seis argolas.

Figura 3: Cavaleiro mouro realizando corrida da cabeça do Judas





Foto: Costa, 2010.

Concluindo essas provas, por volta de meio-dia, o exército cristão dirige-se ao centro do campo de batalha e coloca a bandeira branca sinalizando pedido de trégua e deixa a arena. O exército mouro concorda com o pedido, recolhe a bandeira branca e, da mesma forma deixa o local. Após o intervalo do almoço, os exércitos continuam a batalha quando os cristãos retornam à arena colocando a bandeira vermelha no centro da pista e os mouros recolhem-na, recomeçando as provas.

A precisão e o empenho nas realizações das provas da corrida da roda de fogo, corrida do encontro, corrida do papo (balões de látex), corrida da flor grande, corrida do sucuri, corrida em homenagem à rainha, corrida do oito grande, corrida do caracol, corrida do limão, corrida das bandeiras, corrida do lenço e corrida da argolinha são contagiantes.

O desafio mais esperado é a corrida das argolinhas. É o momento em que o cavaleiro galopa em alta velocidade ao som do caixeiro e da narração do locutor com o objetivo de retirar - com a lança - a argola fixada numa trave horizontal (figura 4).

Figura 4: Mantenedor cristão na prova da argolinha



Foto: Costa, 2010.

Quando o cavaleiro realiza a prova com sucesso, o público comemora com fervor, aplaude intensamente, assovia, grita. Os familiares e amigos gritam incessantemente o nome do cavaleiro que também é anunciado pelo locutor, que relembra com admiração os nomes dos antepassados do cavaleiro que correram nas cavalhadas. Nesse momento há compreensão do passado, presente e futuro, de modo que a memória coletiva e individual é revivida e respeitada, assumindo a relação que estabelece entre as pessoas, a sociedade e a herança cultural que recebem e que projetam no futuro.



O cavaleiro entrega a argolinha, fruto de muitos treinos e dedicação a uma pessoa que ele quer homenagear com algo valoroso, geralmente, presenteia a mãe, a namorada, o pajem, demonstrando publicamente o amor, o respeito e a admiração pela pessoa escolhida.

Conseqüentemente, aquele que teve a honra de recebê-la, guarda com muito cuidado e apreço, devido ao grande valor simbólico contido no objeto e no ato da sua entrega. O cavaleiro costuma receber o reconhecimento da sua conquista, principalmente, pelos parentes e amigos, que estão no camarote, eles amarram notas de dinheiro nas fitas que são presas à ponta da lança do cavaleiro.

Finalizando as provas, ao entardecer, é selada a paz entre os exércitos no momento em que os mouros apresentam a bandeira branca aos cristãos e estes entregam a rainha de volta. Após a realização da Cavalhada, a festividade em homenagem a São Benedito tem continuidade. Cabe à rainha da festa e ao rei do mastro definirem em quais dias da semana acontecerão os eventos. As etapas do cronograma apresentadas a seguir referem-se à festividade do ano de 2019, em que a Cavalhada foi realizada no dia 23 de junho.

Na quarta-feira (26/06), acontece a procissão começando na Casa das Festas até a Igreja de São Benedito, onde é celebrada a missa, às seis horas da manhã. Após a missa, retorna à Casa das Festas para o tradicional café da manhã (chá com bolo) oferecido à população, em especial, aos devotos que participaram da missa. Em seguida, os festeiros e os devotos saem com as bandeiras do santo em visitação à comunidade urbana, ao meio-dia, retornam ao mesmo local para o almoço, confraternizando com a comunidade.

Na quinta-feira (27/06), é realizado o baile dos cavaleiros, momento em que se efetiva a diplomação deles, sendo que, nesse evento, são homenageados e exaltados os seus antepassados, assim como dos pajens. A participação popular é pequena, ficando praticamente exclusivo para as famílias tradicionais às quais pertencem os cavaleiros, pajens e amigos.

O leilão ocorre na sexta-feira (28/06), dia almejado pelos membros da sociedade com maior poder aquisitivo, na festa, há mulheres e homens desfilando trajés confeccionados especialmente para a ocasião, a confraternização dessa camada social é regada a bebidas finas como whisky, além de salgados e doces. As "prendas" leiloadas





são frutos de doações dos devotos, empresários e fazendeiros. O objetivo do leilão é arrecadar recursos financeiros para ajudar no custeio da festa.

No sábado (29/06), a programação é intensa, começando com a reunião da Irmandade de São Benedito no Centro Social Beneditino – anexo à igreja de São Benedito e, em seguida, há um almoço de confraternização exclusivo para os membros da Irmandade.

Ao anoitecer, grande parte da população desloca-se até o centro da cidade para contemplar a iluminação do Arco do Glorioso São Benedito, no Adro da Igreja Matriz (Nossa Senhora do Rosário), onde há apresentação cultural da dança dos Mascarados e show pirotécnico.

Finalizando a festa, no domingo (30/06), com a procissão dos anjos (crianças na faixa etária entre três e seis anos, vestidas de anjos) e missa solene na Matriz, com apresentação dos festeiros do ano seguinte. Esses rituais proporcionam momentos de interação social, estimulam a devoção a São Benedito e demonstram a valorização das manifestações culturais pelos cidadãos.

O estudo realizado evidencia que a cavallhada constitui um dos traços principais da identidade dos moradores de Poconé, um patrimônio que revela sua história, sua cultura e memória. Neste sentido, a identificação com o lugar traduz-se, conforme a afirmativa de Bossé (2004, p. 161), “tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social”.

## **6 - Contribuição ao estudo de Geografia**

Na contemporaneidade, o estudo da cultura no processo ensino aprendizagem está assegurado pela LDB, em seu artigo 3º afirmando que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Portanto, a valorização da cultura, por meio do processo educativo, está prevista na legislação. O art. 26 da Lei 12796/2013, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/96) coloca a cultura como necessária e obrigatória no processo educativo. Nessa perspectiva, Kramer (1998, p.16) afirma: “uma escola básica que se compromete com a cidadania e com a democracia precisa ter na formação cultural um de seus elementos básicos”, para uma cidadania plena. Segundo Candau





(2008, p.13): “Não se pode conceber uma experiência pedagógica desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural.

Compreendemos que a cultura é extremamente importante no processo ensino aprendizagem, pois, todo ser humano é carregado de cultura, sendo assim ela constitui fator de elevada relevância no ambiente escolar. As manifestações culturais apresentam-se no cotidiano das escolas revelando as peculiaridades da raiz cultural de cada grupo social ali presente, estando contidas no comportamento dos alunos, nas tradições e conhecimentos, na religiosidade, na música local, na dança, nas vestimentas, entre outros.

É nítido que o ambiente escolar é constituído pelos “outros”, os “diferentes” – os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os rappers, os cowboys, os funkeiros, etc. Nesse contexto, deve prevalecer a valorização da diversidade cultural num espaço escolar democrático. Essa diversidade de atores presentes no ambiente escolar evidencia a necessidade de lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças (CANDAU; MOREIRA 2003, p. 161). Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o contato com a arte e a cultura desenvolve a sensibilidade e o senso estético, além de apoiar a construção da identidade e o respeito à diversidade. Neste sentido, é esperado que os estudantes apropriem-se dos conhecimentos das diversas raízes culturais e aprendam usá-los para interagir e dialogar com “o diferente” de forma afetiva e com respeito ao outro.

Observamos que as escolas onde a diversidade cultural é trabalhada enfatizando o respeito à diferença e o direito à diferença, flui um ambiente mais harmonioso, os educandos tornam-se mais sociáveis com seus colegas e com as diferenças que fazem parte da existência humana, nota-se a redução da discriminação e preconceito, atos de violência física e psicológica. Silva (2016) aponta que refletir e propor formas de ensino de Geografia, baseadas nas manifestações culturais brasileiras, oferece interessantes caminhos metodológicos para o ensino dessa disciplina no contexto escolar, pois permite, a partir de sua problematização, o enquadramento dos estudantes e o reconhecimento em sala de aula dos problemas vividos local e regionalmente que afetam diretamente seu cotidiano individual e familiar.



Podemos considerar que, assim como os conhecimentos do universo familiar, os conhecimentos culturais e a vivência dos discentes contêm elementos que podem contribuir para aquisição das novas aprendizagens. Nesse contexto, os elementos que compõem a cultura, em especial a local, são grandes temáticas para o estudo da disciplina de Geografia, com as quais os docentes podem explorar um universo de singularidades contidas nela. Em relação a esse tema, Cavalcanti (2012, p. 45) afirma:

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno.

A disciplina de Geografia tem como uma das metas desenvolver, nos alunos, competências e habilidades no entendimento do espaço geográfico, assim como contribuir para a construção de um cidadão atuante, que pense, articule e realize ações para a melhoria da vida em sociedade, aponte intervenções para problemas ambientais e sociais. Para atingir tais habilidades e competências um dos caminhos é a valorização cultural, que ilustramos com as considerações de Nogueira (2016, p.4):

O ensino de Geografia já se colocou diante de um mundo que foi descrito pela sua diversidade física, se colocou como um saber importante para a consolidação das fronteiras políticas e fez severas críticas diante de uma sociedade de classes, é necessário agora posicionar-se diante das políticas que afastam os homens de seus lugares, que afastam os homens dos homens por intolerância cultural, religiosa, de gênero. Esses temas dizem respeito diretamente ao ensino de Geografia, pois falam de territórios, de territorialidades construídas a partir de identidades culturais e de reterritorialização.

Portanto, consideramos a Geografia como meio, a partir do qual possamos trabalhar a cultura de forma singular e plural, também de forma estática e dinâmica, pois, suas abordagens podem ser trabalhadas em seus principais conceitos: espaço, lugar, território, paisagem, região etc. Assim sendo, é possível distinguir a cultura de determinado grupo de indivíduos, destacando suas formas e atuação frente a este ou àquele grupo.

Pensar e propor formas de ensino de Geografia pautado nas manifestações culturais locais e ou brasileiras apontam um leque de temas para o ensino dessa disciplina, pois permite, a partir de sua problematização, aguçar o olhar dos estudantes sobre sua raiz cultural, para melhor entendimento dos elementos culturais.



Analisando a Cavalhada de Poconé, como objeto de ensino em sala de aula, constatamos inúmeras contribuições que essa manifestação cultural pode trazer para o estudo da Geografia. Existe a possibilidade de estudar o quanto essa manifestação pode auxiliar na compreensão das práticas sociais e espaciais estabelecidas no cotidiano, a relação de poder, a valorização do patrimônio imaterial, a construção da identidade do povo poconeano, o sentimento de pertencimento, a paisagem cultural, entre outros.

## **7- Metodologia**

Para o construto metodológico concernente à estrutura e execução deste artigo, balizamos-nos em uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (1999), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Essa abordagem é caracterizada por uma compreensão detalhada dos significados e características apresentadas pelos entrevistados. Sendo assim, ocorre uma valorização da maneira como cada indivíduo observa um determinado fato. Essa relação entre o indivíduo e o fato não deve ser apenas mensurada, mas também interpretada (RICHARDSON, 1999).

Quanto às técnicas que foram adotadas, são as seguintes:

Levantamento bibliográfico e documental para elucidar o construto teórico-metodológico da pesquisa. A pesquisa bibliográfica ou também considerada de fontes secundárias, assim como explica Marconi e Lakatos (2003), que tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito e/ou publicado, sobre determinado assunto.

Pesquisa de campo no município em estudo que proporcionou a coleta de dados. Para Lakatos (2003), a pesquisa de campo é aquela que objetiva conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Aplicação de entrevistas às famílias festeiras da cidade, representantes dos exércitos Mouro e Cristão, comerciantes locais, espectadores, Secretaria de Turismo e demais secretarias municipais vinculadas à execução da festa, assim como à equipe



pedagógica e alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Bacharel Ribeiro de Arruda. Tais entrevistas consolidaram-se por meio de roteiros/formulários elaborados previamente. Sobre essa técnica, Lakatos e Marconi (2003) assinalam, que o formulário permite a obtenção de dados mais complexos e úteis que os questionários enviados aos participantes por intermédio dos correios ou por meio digital.

Como o formulário é preenchido pelo próprio entrevistador, ele permite uniformidade dos símbolos usados nas respostas. A entrevista caracteriza-se como técnica mais adequada à pesquisa, pelo fato de ser o próprio entrevistador que escreve as respostas, evitando-se que o entrevistado leia antecipadamente demais perguntas antes de respondê-las, o que poderia determinar que uma questão influenciasse na resposta da outra.

Foram utilizadas fotografias de diversas fontes para ilustrar e auxiliar a iconografia da pesquisa. Para tais levantamentos de informações e desenvolvimento do artigo, foi necessário o uso de recursos de tecnologias diversas, que contribuíram para diferentes etapas da execução deste projeto, além do uso de recursos computacionais, como internet, utilizada para buscas de informações relacionadas à pesquisa.

## **8 - Resultados e/ou discussões**

As festividades que têm a intenção de preservar a cultura, seja ela de cunho religioso e ou profano, são eventos tradicionais que atraem pessoas de diversas localidades do país e do mundo, com interesses diversos, que podem ser , de lazer, conhecimento da cultura, encontro social, etc.

Tratando dessa temática, observamos que a Cavalhada é uma importante festa popular que simboliza manifestação de cunho cultural, que remete à história do povo poconeano, sendo retratada a valorização cultural, ainda durante sua realização, há significativos momentos de socialização e de compartilhamento de valores.

Constatamos a necessidade e a importância ímpar do ensino transdisciplinar, em que seja abordada a cultura do local de vivência dos alunos. Quando os discentes expõem essa questão em sala de aula, é possível utilizar esses artifícios para entender algumas dificuldades e peculiaridades dos alunos, fazendo com que eles sejam capazes



de refletir e elencar aspectos culturais que são comuns entre si, assim como conhecer e respeitar a cultura do “outro” , evidenciando a riqueza que existe na diversidade cultural, levá-los a aprender sobre esse, subsidiando-os a identificar seus símbolos. Ainda a cultura propicia um leque de abordagens relativas a princípios geográficos como: espaço, lugar, território, paisagem e região.

De modo especial, as escolas que trabalham a cultura, evidenciam a interação entre os seus discentes, diminuindo agressões física e verbal e preconceitos, tornando o convívio, no ambiente, mais harmonioso.

## 9 - Conclusão

Diante do exposto, é notória a compreensão, a importância e valorização do patrimônio imaterial da festa da Cavalha em Poconé. É explícito o sentimento de pertencimento do povo poconeano à cultura local, assim como a relação que as pessoas desenvolvem com esse evento cultural, que abrange a compreensão do passado, presente e futuro, de modo que a memória coletiva e individual é revivida e respeitada, assumindo a relação que estabelece entre as pessoas, a sociedade e a herança cultural que recebem e que projetam no futuro. Essa significativa manifestação cultural pode contribuir para o ensino da disciplina de Geografia e desenvolver, nos alunos, competências e habilidades no entendimento do espaço geográfico.

## 10 - REFERÊNCIAS

ABDALLA, Silvana Maria de Moraes. **Turismo e cultura:** uma leitura do espaço urbano poconeano em suas singularidades. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2006

AMARAL, Rita de Cássia de Mello P. **Festa à brasileira:** significados do festejar, no país que não é sério. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BNCC. **Componente Curricular Geografia e a Base Nacional Comum**





**Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 jun. 2021.

BOSSÉ, Mathias Le (2004). **As questões de Identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas.** In. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). Paisagem Textos e Identidade. Rio de Janeiro. Ed. UERJ.  
CASTRO Edna (2003). Quilombolas de Bujaru, Naea/UFPA.

Brandão, Carlo Rodrigues. (1974). **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás.** Goiânia: Oriente. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/cavalcadas.pdf>. Acesso: 07/09/2021

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CANDAU, Maria. V. MOREIRA, Antônio F. B. Educação escolar e cultura (s): Construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação:** Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, n. 23. mai./jun./jul./ago., 2003. p.156- 168.

CANDAU, Maria. V. MOREIRA, Antônio F. B. **Multiculturalismo:** diferenças culturais e praticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2008.

CAMINHA, A. F. (2010). **Patrimônio natural da humanidade, Pantanal guarda biodiversidade única,** out. 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/patrimonio-natural-da-humanidade-pantanal-guarda-biodiversidade-unica>. Acesso em: 16 out. 2021

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 11. ed. São Paulo: Global, 1988.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP. Papirus, 2012.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 1999.

FERREIRA, João C.; SILVA, José M. **Cidades de Mato Grosso:** origem e significado de seus nomes. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 2008.

IBGE, Brasil/Mato Grosso. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/panorama> Acesso em: 18 out. 2020.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial:** Para saber mais! ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

KRAMER, Sonia (org.). **Infância e produção cultural.** 2.ed.Campinas: Papirus, 1998.



LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LDB, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. **Artigo 3º da Lei nº 9.394**  
Disponível em: [www.jusbrasil.com.br/topicos/11697014/artigo-3-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11697014/artigo-3-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996). Acessado:

MAIA, Carlos Eduardo S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL Zeny; CORRÊA, Roberto L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 191-218.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **O Ensino de Geografia e os desafios para uma abordagem cultural e humanista**. Disponível em: [http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467678546\\_ARQUIVO\\_textoENG.pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467678546_ARQUIVO_textoENG.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S. (et al.). **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999

SILVA, Maria José Albuquerque; BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa. 2016. Ano I.

Silva, L. F. S. (2011). **Conheça a Cavallhada de Poconé**, jul. 2011. Disponível em: <http://historiografiamatogrossense.blogspot.com/2011/06/conheca-cavallhada-de-pocone.html>. Acesso em: 07/09/2021

SHIPANSKI, Carlos Eduardo; **Cavallhadas de Guarapuava: História e morfologia de uma festa campeira. (1899-1999)**.  
**Diponivel:**<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1177.pdf>. Acessado: 08/04/2021